

CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA

**D**IFERENTEMENTE de quantos têm figurado nesta galeria de geógrafos, CÂNDIDO MENDES DE ALMEIDA, ao escolher a profissão em que adquiriria glorificadora nomeada, preferiu seguir trajetória inteiramente estranha à especialidade.

Nascido em São Bernardo do Brejo dos Anapurus, a 14 de outubro de 1818, conforme assegura seu bisneto, CÂNDIDO ANTÔNIO, em carinhosa biografia, frequentou a Faculdade de Olinda, onde obteve, em 1839, o diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais.

De regresso ao Maranhão, montou banca de advocacia, que o levaria à administração pública, desde secretário do Governo da Província até diretor da Secção da Secretaria da Justiça. E por ela, iria à política, em trajetória ascendente, da Assembléa ao Senado, mercê da carta imperial de 13 de maio de 1871.

Em todos os cargos eletivos, evidenciou-se orador cuja cultura superava a carência de espetaculares dotes tribunicios.

A eloquência provinha-lhe da erudição, especialmente nos domínios jurídicos, em que pontificava.

E das convicções religiosas, que o extremaram entre os maiores defensores da Igreja.

Não havia questão relacionada com o catolicismo, que não o encontrasse vigilante e decidido a enfrentar os mais destros adversários.

Assim, quando os bispos Frei VITAL DE OLIVEIRA e D. MACEDO COSTA se viram processados, em consequência da sua atuação anti-maçônica, não titubeou CÂNDIDO MENDES em tomar-lhes a defesa, por todos os modos possíveis.

Na imprensa, no parlamento, no pretório.

Por toda a parte, era o patrono ardoroso, que desenvolvia a sua argumentação embebida de ciência jurídica, em prol dos inermes censores da maçonaria.

Não abandonaria, porém, jamais as suas investigações em outros ramos.

Simultaneamente com as pesquisas nos domínios do direito, que lhe inspiraram obras de tomo e pêso, do teor de O Código Filipino ou as ordenações e leis do reino de Portugal, recompiladas por mandato de el-Rei D. Filipe I — O Auxiliar Jurídico — Princípios de Direito Mercantil — Direito Civil Eclesiástico Brasileiro, encetou, apenas formado, o estudo de várias disciplinas, em que por igual se distinguiria.

Os misteres de promotor. em São Luís, não o impediram de conquistar, ainda no início de sua carreira, e mediante concurso, a cátedra de História e Geografia no Liceu então dirigido pelo douto e grave SOTERO DOS REIS.

E como se consagrasse fervorosamente às tarefas que lhe tocavam, cresceu-lhe gôsto por semelhantes assuntos, cujos conhecimentos evidenciaria em monografias valiosas.

Patrono espontâneo dos direitos do Maranhão às terras questionadas, publicou, em 1857, O Turiagu, em que examina as peculiaridades regionais, e as assinala no mapa que especialmente elaborou.

Vitorioso nessa iniciativa, voltou-se para o sul da Província, ao esclarecer o litígio referente a Carolina, cujo território pleiteou fôsse definitivamente incorporado ao Maranhão.

Já por essa época estaria cogitando de obra de maior fôlego, com a qual surpreendeu os próprios conhecedores de sua vocação para a geografia.

Afinal, em 1868, veio a lume o Atlas do Império do Brasil, que lhe franqueou o ingresso no quadro social do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ao frequentar-lhe as sessões, explanaria questões que exigiam conhecimentos cabais das crônicas pátrias, como, entre outras: "Por que os indígenas chamavam os franceses *Mairs* e os portugueses *Peros*?" — "Quem levou a notícia do descobrimento do Brasil?" — "O nome era América será americano?" — "A catástrofe de Bolés será uma realidade?" — "Quem era o bacharel de Cananéia?"

E embora orador oficial, FRANKLIN TÁVORA, ao traçar-lhe o elogio, em sessão de 15 de dezembro de 1881, recordasse a polémica ardorosa, em que se defrontaram outrora, por antagonismo de crenças religiosas, não teve dúvida em declarar "A sua obra prima é o Atlas do Império do Brasil, obra que todos nós conhecemos, e que ainda não foi igualada, quanto mais excedida, quer no tocante às noções históricas, topográficas, estatísticas e econômicas, quer pelo que respeita aos mapas das províncias".

E, após lhe apontar outras expressões da peregrina inteligência, concluiu:

"CÂNDIDO MENDES deu impulso aos estudos históricos e geográficos. Escreveu obras, fundou associações, teve imitadores, que serão seus continuadores".

Em verdade, apesar da erudição histórica demonstrada em mais de um ensaio, é o Atlas a maior afirmação do seu saber na especialidade que o levou a conceituar, ao redigir-lhe a "Introdução".

"Não é um simples deleite o estudo da Geografia. É da mais indeclinável necessidade para o desempenho de qualquer profissão que adotemos, ainda mesmo não sendo da ordem das liberais.

Esse estudo alarga o espírito e o despe de muitos prejuízos egoísticos".

Ainda mais, como se já previsse a moderna orientação de "Geografia ao serviço do Homem", acrescentou "O desenvolvimento de qualquer indústria existente, a introdução de novas, o alargamento das relações comerciais, os pontos de defesa de um país, não se poderia estabelecer e criar com vantagem, se a Geografia com a sua luz não viesse apontá-los à sagacidade e inteligência de qualquer Governo, por mais bem inspirado que fôsse.

Eis, portanto, demonstrada a necessidade dessa ciência para o estadista, e para o legislador.

"Ela é também indispensável para o administrador".

Apodado embora de ter "o espírito incessantemente inclinado sobre o passado", a ponto de parecer que essa posição "o forçava a trazer as costas para a atualidade" no dizer de FRANKLIN TÁVORA, os conceitos que firmou na "Introdução ao Atlas" revelam, ao contrário, idéias renovadoras.

Olhava, sem dúvida, para o futuro, quando increpou de inconvenientes as alterações incessantes das divisões administrativas.

"As Assembléias Provinciais, declarava, parecem que se constituíram verdadeiras máquinas de guerra contra a Geografia e contra o interesse de uma regular administração.

"A Assembléia Geral também neste sentido tem cometido graves erros na forma adotada na criação das modernas Provincias, assim como na das Dioceses: mas os inconvenientes de tais fatos ficam a perder de vista dos que resultam da criação das outras Assembléias.

Ainda mais, "não temos um padrão por onde aferir o que é um distrito, uma paróquia, um município, uma comarca e uma provincia".

Ao seu espírito habituado às concepções sistemáticas, repugnava a inconsistência das normas, variáveis no espaço e no tempo.

E raciocinava: "se tomássemos determinada área para designar o *quartelão* ou *distrito*, embora não fôsse como tal declarado o território sem que estivesse habitado pelo mínimo decretado da população, o território do nosso país se reorganizaria perfeitamente".

"Com esse padrão como base, poder-se-ia fixar o máximo e o mínimo dos distritos que constituiriam uma paróquia; assim como o número destas, indispensáveis para a criação do município, e conseqüentemente o número destes, necessário para que determinado território fôsse elevado a comarca".

"Da maneira por que atualmente em nossas Provincias se dividem os territórios só vemos símile nos Estados asiáticos, ou de civilização a mais atrasada".

E insistia, "a divisão do território nacional, assentada assim de uma vez por lei geral, era da maior conveniência pública a todos os respeitos".

Todavia, a idéia que lançou, com intuitos reformadores, ainda *asuardaria* quase um século para ter a sua aplicação experimentada, com as devidas adaptações, mediante os dispositivos que na atualidade regem a matéria.

Certo, não era de modo algum retrógrado quem formulava tais sugestões, inspirada na Geografia.

Ainda mais, para lhe acentuar a correlação que lobrigava com outros ramos dos conhecimentos humanos, começou por indagar.

"Qual é o termómetro por onde com mais segurança se aquilata o progresso material, e ainda o moral de um povo?"

"É por sem dúvida a Estatística, que perfurando todos os mais recônditos arcanos de uma nação, põe a descoberto os erros e as perfeições do seu Governo.

Esta ciência tão indispensável ao político como ao administrador, sem a Geografia ficaria sem base: tornar-se-ia senão inteiramente inútil, incompleta".

"Em idênticas condições se acha, acrescentava, a História, outra ciência, ou melhor outra Estatística sob diferente e mais amena fórmula, porque é a exposição dos resultados da marcha e vida de um povo na terra, e portanto, os seus triunfos e os seus desastros.

De igual maneira, da Geografia há mister a Justiça, pois que a falta do seu estudo quantas vézes "tem exposto o magistrado integérrimo a faltar a seu dever, a inquirar a sua toga?"

Simultaneamente, beneficia-se com os seus ensinamentos o eclesiástico. "Tanto o que tem cura d'almas, como o que está dispensado deste encargo, e os que se empregam nas Missões", o comerciante, que "não poderia satisfazer cabalmente sua missão, se o seu horizonte ficasse limitado ao torrão onde nascera, ou onde só funcionasse", e o industrial.

Como desejasse que a sua contribuição fôsse além da mocidade ginásial, a quem a dedicou, recorreu a "todas as cartas, mapas e plantas antigas e modernas", que lhe foi possível obter, bem como aos documentos que lhe permitiram indicar as divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias do país.

E pacientemente redigiu, à luz dos mais aceitáveis informes, clara síntese histórica da formação territorial do Brasil, com os seus limites internacionais, de acôrdo com os ajustes ultimados até então, bem como as divisas interprovinciais, atentamente examinadas.

Ao mesmo tempo, cuidava do desenho respectivo, baseado nas mais exatas informações. A cada provincia destinou uma fôlha, que lhe representava, cartograficamente, o território, dividido em comarcas, diferenciadas pela côr.

Como nem tôdas terminassem por linhas perfeitamente definidas, bastaria o contraste de tons para indicar a transição de uma unidade por outra.

Para facilitar a divulgação dos seus escritos, cuidou de garantir-lhes a impressão a contento.

"Tipógrafo, lembraria um dos biógrafos, não só escrevia os seus livros, mas também os imprimia.

Fundou o Instituto Filomático. Das máquinas deste estabelecimento de artes gráficas, que funcionava, a princípio, no porão de sua casa, saíram não só a maioria das suas obras, mas também a parte litográfica do Atlas, que, apesar das dificuldades existentes, conseguiu constituir uma maravilha de impressão".

Ainda trabalhava sem descanso, quando o assaltou em 27 de fevereiro de 1881 fatal congestão cerebral. Após dois dias de agonia, deixou afinal de existir, às 11 horas do primeiro dia de março.

E assim emudeceu o geógrafo abnegado, que soube, ao mesmo tempo, emparceirar-se com os mais insígnies juristas e legisladores, além de se revelar publicista arguto.

VIRGÍLIO CORREIA FILHO



*Candido Mendes de Almeida*